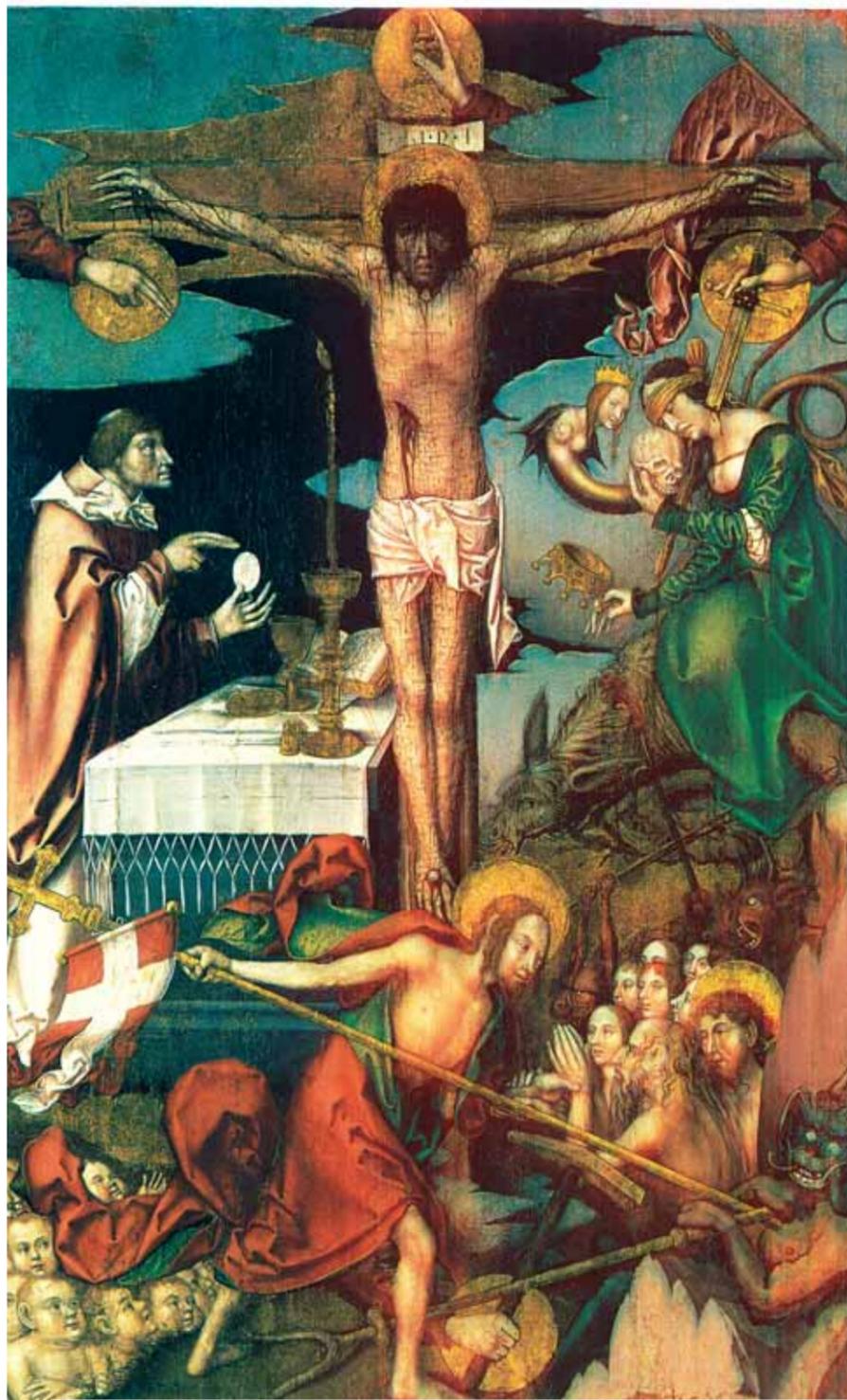


Houve um grande eco no mundo, pela conversão diante ao SS. Sacramento, do escritor ateu André Frossard. Ele mesmo conta como aconteceu esta conversão no seu livro “*Deus existe. Eu encontrei-O*” (1969). Até aos seus últimos anos, até aos seus derradeiros dias, não fez mais que dizer: «Desde que encontrei Deus, eu não consigo habituar-me ao Mistério de Deus. Cada dia é uma novidade para mim. E se Deus existe, eu devo anunciá-lo; se Cristo é filho de Deus, eu devo gritá-lo; se há Vida Eterna, eu devo pregá-lo».



Hans Friers, A Cruz viva, Friburgo



André Frossard
Frossard (1924-2007) - 1969
Des couleurs en haut le premier volume de
1969
Frossard (1924-2007) - 1969
Frossard (1924-2007) - 1969
Frossard (1924-2007) - 1969



André Frossard

Entrando às 5,10 numa capela do bairro latino de Paris, para ir buscar um amigo, saí às 5 e um quarto na companhia de uma amizade que não era deste mundo. Entrei céptico e ateu...mais ainda que céptico e mais ainda que ateu, indiferente e preocupado com bem outras coisas que com um Deus, que não pensava senão em negar cada vez mais...Em pé, ao lado da porta, procuro com os olhos o meu amigo, mas não consigo reconhecê-lo... O meu olhar passa da sombra à luz... dos fiéis aos religiosos, ao altar... Fixa-se na segunda vela que arde à esquerda da Cruz (ignoro que me encontro diante do Santíssimo Sacramento). E então, inesperadamente, desencadeia-se a série de prodígios cuja inexorável violência desmantelará num instante o ser absurdo que sou, para fazer nascer o rapaz estupefacto que não fui mais... Primeiramente foram-me sugeridas estas

palavras “Vida Espiritual”... como se tivessem sido pronunciadas ao pé de mim, em voz baixa... depois uma grande luz, ... um mundo, um outro mundo de um esplendor tal e de uma densidade, que remetem de um golpe o nosso, para as sombras frágeis dos sonhos não realizáveis ... a evidência de Deus... da qual sinto toda a doçura... uma doçura activa, devastadora, para além de qualquer violência, capaz de estalar a pedra mais dura e, mais duro que a pedra, o coração humano.

A sua impetuosidade transbordante, total, é acompanhada de uma alegria que é a exaltação do salvado, a alegria do naufrago recolhido a tempo. Estas sensações, que encontro dificuldade em traduzir, numa linguagem inadequada de ideias e de imagens, são

simultaneamente... Tudo é dominado pela presença... Daquele, do qual não poderei nunca mais escrever o nome sem temor de ferir a sua ternura, Aquele, diante do qual tive a felicidade de ser um filho perdoado, que desperta para aprender, que tudo é uma dádiva». Comenta Frossard: «Deus existia e estava presente, revelado, camuflado por um tempo naquela transmissão de luzes que, sem discursos nem imagens, dava tudo à compreensão e ao amor... Uma coisa só me surpreende: a Eucaristia; não que me parecesse inacreditável, mas espantava-me que a caridade divina tivesse encontrado este método extraordinário para se comungar, e sobretudo que tivesse escolhido para fazê-lo, o pão, que é o alimento dos pobres e a alimentação preferidos dos jovens...» Conclui Frossard a sua confissão com estas belíssimas palavras: «Amor, para falar de ti, será muito curta a eternidade».